ANO 20.º SABADO, 2 DE NOVEMBRO DE 1940 N.º 6448

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor—JOÃO CHRYSOSTOMO DE SÁ
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

A guerra na Europa Ocidental

A R. A. F. voltou a atacar Berlim

e as instalações de petroleo no Reich

Prosseguiram os ataques alemães á Inglaterra

LONDRES, 2.—O comunicado do Ministerio do Ar diz que foram desencadeados violentos ataques pelas forças da R. A. F. durante esta noite, tanto sôbre Berlim como sôbre instalações de petroleo no centro e no oeste da Alemanha.—(E. T.).

Os «raids» da R. A. F.

BERLIM, 2.—Na tarde de 1 de novembro, Amsterdão foi bombardeada pela Royal Air Force. Aviões britanicos lançaram bombas explosivas sobre bairros, exclusivamente, de habitação. Foi gravemente atingido um hospital. Segundo noticias recebidas até agora, morreram 19 soldados feridos que se encontravam nesse hospital. Na cidade morreram sete holandeses. Não se conhece ainda o numero dos feridos. Deve-se, no entanto, contar com um aumento do numero de vitimas.

A maneira de proceder contra Amsterdão, corresponde, exactamente, aos outros ataques britanicos efectuados até agora contra pacificas cidades holandesas.

Pouco depois houve um ataque sobre Berlim. Certo numero de bombardeiros britanicos tentou atingir a capital. A defesa activa repeliu a maior parte deles para o sul e para o norte. Apenas alguns dos aviões inimigos conseguiram voar sobre o centro da cidade, a grande altura. Lançaram bombas explosivas e incendiarias sobre bairros habitados e colonias de campo. Bombas incendiarias atingiram entre outros objectivos o hospital Rudolf Virchow, que já fôra atingido num «raid» maior. Os incendios dos telhados foram, rapidamente, dominados antes de causarem estragos importantes.

Entre a população civil ha a lamentar varios mortos e feridos. Este bombardeamento confirmou de novo que a Royal Air Force lança as suas bombas, mesmo com uma visibilidade excelente e um ceu claro, sobre bairros habitados, situados longe de todo o objectivo militar.—(D. N. B.).

O ataque inglês a Berlim na noite passada

BERLIM, 2.—A aviação britanica efectuou a noite passada um novo «raid» contra esta capital. Os aviões britanicos surgiram de diversos pontos sôbre a capital do Reich ás primeiras horas da noite, razão pela qual o rebate aereo surpreendeu dezenas de milhar de berlinenses que áquela hora se encontravam nos cinemas e nos restaurantes, emquanto milhares de pessoas se dirigiam tambem para as suas residencias.

Ao soar o rebate aereo, houve certa confusão e os abrigos aereos publicos encheram-se, rapidamente. Resultou ainda um tremendo congestionamento nos veiculos que circulavam nas ruas devido á enorme aglomeração de peões que no momento de soar o alarme aereo pejavam as arterias da capital do Reich.

Quando foi dado o sinal de que toda a area de Berlim se encontrava, completamente, limpa de aviões inimigos, os abrigos subterraneos estavam a abarrotar de publico.

A primeira metade do «raid» da aviação britanica foi marcada por um intenso e continuo fogo dos canhões anti-aereos instalados na capital e nos seus arredores, emquanto poderosos reflectores electricos percrutavam atentamente, o espaço. Os reflectores electricos ontem á noite utilizados irradiavam uma luz potentissima e muito brilhante e foram empregados pela primeira vez na area de Berlim.

Como usualmente, os aviadores ingleses lançaram grande numero de paraquedas luminosos e placas de ignição. Muitos dos paraquedas luminosos apagavam-se cinco e dez minutos depois de terem sido lançados.

No centro de Berlim não foram ouvidos ruidos que parecessem ser provocados pela explosão de bombas, mas

(Ver continuação na pagina central)

A João Venancio

Carissimo:

Fui hoje visitar um amigo—um amigo que já não existe, mas que, a-pesar disso, eu sinto renascido em cada pancada do meu coração. A imortalidade a que já se refere Hesiodo é simplesmente a vida na perpetuidade limpida do fulgor que a animou e enobreceu. Quem não teve mocidade, um desejo ardente de ser maior que a sombra do seu corpo ou a cupula do seu orgulho, desfaz-se em cinza.

Onde encontrar vestigios da sua passagem?

No cemiterio do Alto de S. João, onde as pobres grandezas da terra tentam ainda sobrepôr-se á razoura igualitaria da morte, vi passar a sombria e silente turba dos que visitam quantos partiram para as paragens de além, deixando uma saudade, uma lembrança, um afecto, no lar que iluminaram com a sua presença.

A cidade das sombras, cittá dolente, reuniu hoje o seu parlamento, a sua grande assembleia de suspiros.

A Lisboa ilusoria, fatidica no seu ar de liberdade beijada por um sol palido e fino, desapareceu perante a sua autentica realidade—as lagrimas que choramos e nos curam de ilusões espinhosas.

Houve flores de variadissimos preços, côres, matises e perfumes, umas ainda tocadas da pompa e do desdem que a riqueza dá aos seus amigos, outras cheias de humildade, timidas e molhadas dum orvalho que vem das magoas do coração.

Calculas, querido João, que não foi indiferentemente que contemplei tão tocante e evocativo espectaculo: a importancia do invisivel—a tendencia inelutavel para descobrir no pó o sentido do ser—impôs-se-me, como quando, no silencio da noite, interrogamos a imensidade construida, espelho claro da sabedoria velada.

Aproximei-me do meu amigo que repousa, sem sinal de respiração, na gelada e infinita paz que se gera na abdicação da febre e do desejo—janela aberta como um astro para tudo que se forma, ao cabo das vacilações, das duvidas e das tentações. Escutei-o, porém, dentro de mim, num fluidico palpitar de poemas e profecias. Reconheci a sua dôce voz, a sua maneira cativante de me tocar no ombro e dizer, sorrindo:

—O mar manda-lhe muitos cumprimentos!

Era marinheiro o meu jovem amigo, com a paixão das coisas que se aprendem interpretando, na vasta planura azulada e inquieta, a linguagem dificil dos astros. Não tinha sustos, quando ouvia falar de terrores, perdições e catastrofes. Interrompia o narrador, brandamente:

—O meu navio tem uma confiança cega nos homens que o guiam.

Não era optimista nem pessimista, visto que não dispunha de tempo para interrogar-se. Apreciava a existencia a que achava um sabor delicioso. Alguem que velava sôbre ele, como uma estrela sôbre o destino dum ilustre capitão, lembrou-lhe que, ao lado do efemero, surge o eterno.

—Ignorava, fez ele, que o mundo fôsse tão complicado e com horizontes tão vastos.

Jubilava, dansava e cantava. Uma canção bastava para florir os seus passos.

Quem ousaria interromper a sua rota de marinheiro sem cuidados?

Meu querido João Venancio, o meu encantado e encantador amigo abandonou o mar, abandonou a terra, a felicidade e o amor e mergulhou na profunda treva que se estende impavida, no termo do universo, assim que os olhos perdem o brilho e a graça da sua juventude.

Deus estendeu-lhe a sua mão e ele suspendeu-se nela, elevando-se assim á maior altura:

—Como o mar é rasgado e tranquilo! Barco em que tanto lidei e naveguei, eis a nossa sorte—avançar para a luz que nunca acaba.

Emquanto duas criancinhas, enlaçadas pelos braços pequeninos, caminham atrás duma senhora idosa e lutuosa, com seu braçado de crisantemos, penso comigo:

—A vida gasta-se nos avós e nos netos, nos velhos e nos novos, como nas estradas as pedras se convertem em areia e a areia em pó...

Perdoa-me, amigo, por este pensamento triste.

2 de novembro de 1940.

MANUEL

—Por que me olhas dessa maneira? Supões que eu detenho algum segredo contrario ao teu bem estar?

—Não é nada disso! Desejo fazer-te uma pregunta...

—Então explica-te com clareza. Os misterios parecem-me inuteis, se tens confiança em mim.

—Que pensas do fim da guerra: quem sairá vencedor?

—Espanto-me que tu, dormindo oito horas diarias, ainda tenhas sobressaltos e inquietações. Por que não has-de passar o resto do dia na cama?

—Assim que me levanto, percorro os jornais e fico cheio de curiosidade: como acabará a guerra?

—Quem te poderá responder? Nem Hitler nem Mussolini nem Churchill nem... Pétain.

Segue o meu conselho — dorme. Faze como alguns passaros que, na tempestade, metem a cabeça debaixo da asa e superam assim o perigo. A guerra, por emquanto, é um enigma em que os homens de genio e os imbecis têm quasi o mesmo preço.

—O conselho talvez seja bom, mas é dificil de seguir...

—O mesmo dizia eu, mas, a pouco e pouco, consegui dominar-me, por perceber que, com o estudo intrincado de problemas superiores ás minhas forças, criava outra guerra comigo mesmo. Não comia, não sossegava nem trabalhava.

■

As obras do teatro de S. Carlos devem terminar no proximo dia 18. Pelo menos a sua parte essencial, podendo assim, no dia 1 de dezembro, estrear-se ali, no ambiente, das comemorações centenarias, a nova ópera de Ruy Coelho—1640. Os trabalhos de construção, a cargo da Amadeu Gaudencio, uma honestidade e uma aptidão merecedoras de rasgados elogios, e dirigidos pelo arquitecto Guilherme Rebelo de Andrade, vão muito adiantados. Neste momento estão-se colocando os estofos, os lustres, as passadeiras, cujo efeito decorativo, integrado no restauro geral, dizem-nos, ser deslumbrante, digno das tradições do nosso primeiro teatro de Opera.

■

Sua Santidade dirigiu um apêlo aos catolicos de todo o mundo que façam preces pela paz. Como a guerra vai crescendo em violencia, ferocidade e exterminio, o Papa promove uma cruzada sem armas, mas em que toma parte a cristandade suplicante.

Desde que a razão nada pode para conter o furor homicida, a oração, o fervor das almas que pairam acima da besta humana, aparece como o fruto mais belo da piedade e do amor.

■

Urbano Rodrigues, nome brilhante que o jornalismo literario, de belas formas, não esquece, vai publicar, brevemente, um romance, com o titulo: «Viagem através duns olhos verdes». O cenario da obra tem por fundo, escaldante e sentimental, o velho Marrocos, que Urbano Rodrigues conhece, admiravelmente. E' um romance de tipos e de costumes que nos dá a alma arabe, a um tempo violenta e resignada, sobre a qual contrasta uma figura de aventura portuguesa, deveras curiosa nos seus aspectos emotivos.

■

Nas vesperas da eleição presidencial nos Estados Unidos é habito de europeus e americanos fazer prognosticos que, finalmente, se não confirmam. As flutuações da opinião publica, a mecanica eleitoral e a pressão da propaganda desmentem, quasi sempre, os prognosticos aparentemente mais bem fundamentados.

Na luta que se trava entre Roosevelt e Willkie esta regra, consagrada pela experiencia de algumas dezenas de anos, não deve ainda sofrer qualquer desmentido.